EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA

O VERMELHO E O NEGRO

de Stendhal (Henri Beyle)
(1783 – 1842)

RESUMO DA NARRATIVA

Stendhal teria escrito "O Vermelho e o Negro" a partir de fatos que ele teria lido na "Gazeta dos Tribunais". No caso real, Antoine Berthet, seminarista originário da pequena cidade de Brangues, teria sido guilhotinado em Grenoble, no dia 23 de fevereiro de 1828, por tentativa de assassinato de uma certa sra. Michoud.

O romance teria sido concebido por Stendhal em outubro de 1829 e o nome original trocado de "Julien" para "O Vermelho e o Negro" em maio de 1830. Na medida em que ia escrevendo, Stendhal ia enviando os originais a seu editor que os ia imprimindo, de modo que em julho de 1830, quando dos "três dias gloriosos", as provas estavam sendo corrigidas. O editor de Stendhal, prudentemente, para minimizar o subtítulo do livro "Crônica de 1830", fez constar a advertência: *"Esta obra estava prestes a ser publicada quando os grandes acontecimentos de julho imprimiram a todos um rumo pouco favorável aos jogos da imaginação. Temos razão para crer que as páginas seguintes foram escritas em 1827"*.

Para o crítico literário Erich Auerbach, "O Vermelho e o Negro" é o primeiro romance a misturar ficção com fatos históricos contemporâneos.

Livro I

Capítulo I – Uma Cidadezinha

A pequena cidade de Verrières, no Jura, vive da economia das serrarias e de uma fábrica de tecidos estampados, chamados *Mulhouse*. O prefeito, empossado em 1815, é o sr. de Rênal, proprietário de uma fábrica de pregos, mas que se envergonha de ser industrial. Para expandir os jardins de sua propriedade ao longo do rio Doubs, o sr. Rênal compra uma área do vizinho, o sr. Sorel, proprietário de uma serraria e pai de três filhos. Entre eles está Julien Sorel, um jovem estudante de teologia que havia sido adotado intelectualmente pelo falecido cirurgião-mor da cidade. Este homem, no final da vida, havia morado na casa dos Sorel, seus primos, e havia deixado de herança seus livros para Julien. Com o negócio, o velho Sorel, *"camponês duro e teimoso"*, torna-se relativamente rico.

Capítulo II – Um Prefeito

Stendhal nos descreve o belíssimo passeio de Verrières, chamado Alameda da Fidelidade, cujos plátanos são podados despropositadamente todos os anos por ordem do prefeito: *"... a vontade do senhor prefeito é*

despótica, e duas vezes por ano todas as árvores que pertencem à comuna são amputadas impiedosamente". Ficamos também sabendo do ambiente pragmático da cidade, onde reinam o utilitarismo e o dinheiro *"Eis a última palavra em Verrières: DAR LUCRO. É a frase que por si só representa o pensamento habitual de mais de três quartos dos habitantes"*. Neste momento da narrativa, os notáveis da cidade temem a presença ali do sr. Appert, inspetor parisiense que poderia dar informações comprometedoras sobre a administração local para os jornais liberais.

Capítulo III – O Bem dos Pobres

Appert é conduzido na inspeção pelo abade Chélan, o cura local, "traição" que as autoridades locais prometem vingar com sua destituição do cargo. O abade, idoso de oitenta anos, depois da morte do cirurgião-mor, havia "adotado" Julien Sorel e o convencido a estudar teologia, embora o jovem tivesse desejado seguir a carreira militar, se sua condição social o tivesse permitido.

Como forma de afirmação social contra seu maior adversário, o sr. Valenod, o rico diretor do asilo, o prefeito decide contratar Julien Sorel como preceptor de seus filhos: *"Faço questão absoluta de ter em casa o Sorel, o filho do serrador de tábuas - .disse o sr. de Rênal – Ele cuidará das crianças, que estão começando a ficar muito endiabradas para nós. É um jovem padre ou coisa que o valha, bom latinista, e fará que as crianças progridam, pois tem um caráter firme, segundo o cura"*.

A sra. de Rênal, uma alma bondosa, contrasta com as senhoras locais pela sua simplicidade, deixando *"escapar as melhores ocasiões de fazê-lo (o marido) comprar belos chapéus em Paris ou Besançon"*. No fundo, aborrece-se com o marido, mas não tem coragem de admiti-lo.

Capítulo IV – Um Pai e um Filho

Para contratar Julien, o sr. de Rênal negocia com o sr. Sorel na serraria. Do mesmo modo que por ocasião da venda do terreno, o velho madeireiro arranca condições excepcionais do prefeito.

Ao procurar o filho para comunicar-lhe o acordo, o sr. Sorel o encontra lendo o Memorial de Santa Helena[1] no lugar de vigiar a serra. Com um tapa, o velho Sorel derruba o livro predileto de Julien, que cai nas águas do riacho. Outro tapa derruba o filho da viga em que estava lendo. Fica clara a rejeição familiar à Julien: *"Nada era mais antipático ao velho Sorel; talvez tivesse perdoado a Julien o porte esbelto, pouco apropriado ao trabalho pesado e tão diferente daquele dos irmãos mais velhos, porém a mania de leitura lhe era odiosa: ele mesmo não sabia ler"*. Julien *"era um rapazinho de dezoito a dezenove anos, de aspecto frágil, com traços irregulares porém delicados e um nariz aquilino"*.

Capítulo V – Uma Negociação

O velho pai anuncia a Julien seu destino: *"Sabe Deus, maldito preguiçoso – disse-lhe o pai -, se algum dia você vai ser suficientemente honrado para me pagar o preço da comida que lhe adianto há tantos anos! Pegue seus trapos e vá para a casa do prefeito"*. Julien, influenciado pela leitura das Confissões de Rousseau, só consegue declarar que não aceitará comer com os empregados domésticos.

A caminho de se instalar na propriedade do prefeito, Sorel desvela seus projetos ambiciosos: *"Fazia muitos anos que Julien não passava nem uma hora de vida sem lembrar que Bonaparte, tenente obscuro e sem fortuna, se tornara senhor do mundo com a espada. A idéia o consolava de seu infortúnio, que julgava grande, e redobrava sua alegria, quando a tinha"*. E ainda *"...Hoje em dia vemos padres de quarenta anos receber cem mil francos de vencimentos, ou seja, três vezes mais do que os famosos generais-de-divisão de Napoleão"*. Na

---

[1] Nota do resumidor – Obra do Conde de las Casas, que acompanhou fielmente os últimos dias de Napoleão em Santa Helena.

igreja, a caminho, encontra um recorte de jornal: *"Detalhes da execução e dos últimos momentos de Louis Jenrel, executado em Besançon..."*. Julien impressiona-se com a semelhança dos sobrenomes.

Capítulo VI – O Tédio

A sra. de Rênal esperava alguém mais velho e autoritário: *"Ela imaginava a mais desagradável das criaturas, um ser grosseiro e desgrenhado, encarregado de repreender as crianças unicamente poque sabia latim, língua bárbara com que seus filhos seriam castigados"*. Ela surpreende-se positivamente com os modos e a juventude de Julien: *"Em toda a vida, jamais uma sensação puramente agradável emocionara a tal ponto a sra. de Rénal, jamais uma aparição tão graciosa sucedera temores mais inquietantes"*.

Julien vai ao alfaiate para mandar fazer vestes negras. À noite, no jantar, conquista instantaneamente a família e as crianças ao recitar de cor em latim passagens inteiras da Bíblia.

Capítulo VII – As Afinidades Eletivas

Julien começa a atrair a inveja dos outros empregados e do sr. Valenod, antigo galanteador da sra. de Rênal e adversário político do prefeito.

A sra. de Rênal, inexperiente e sem malícia, começa a se ligar a Julien, de cuja pobreza tem pena e a quem propõe dar presentes com a condição de que ele nada conte a seu marido. Ele reage indignadamente: *"Sou simples, senhora, mas não sou vil - ... –, coisa que a senhora não está levando suficientemente em consideração. Eu me rebaixaria mais do que um criado se me permitisse esconder do senhor de Rênal qualquer coisa relativa ao meu dinheiro"*. Apesar da resistência, ela compra livros para Julien. Ignorante em amor, que não sente pelo seu marido, a Sra. de Rênal vive momentos felizes de inocência.

Capítulo VIII – Pequenos Acontecimentos

Uma criada da propriedade, Elisa, que gosta de Julien (*"Ah, meu Deus, que padrezinho lindo"*), recebe uma pequena herança e sonha casar-se com ele, mas ele a rejeita. Quando a sra. de Rênal se dá conta de que ficou feliz em saber do fracasso da tentativa, começa a questionar seus sentimentos com relação a Julien.

A família de Rênal vai passar o verão no castelo de Vergy. Julien acompanha as crianças. A prima da sra. de Rênal, a sra. Derville, é convidada. Lá, favorecidos pelas longas ausências do prefeito, Julien e a sra. de Rênal se aproximam fisicamente. Um dia ele toca a mão dela por acaso. Ela a recolhe imediatamente.

Ele decide conquistá-la: *"Julien julgou que era seu dever conseguir que a mão dela não se retirasse quando ele a tocasse"*.

Capítulo IX – Uma Noite no Campo

Julien vê a conquista da sra. de Rênal como se fosse uma batalha. Dá ordens a si mesmo: agarrar de qualquer maneira a mão da sra. de Rênal ao soar das dez horas e, de fato, o faz: *"Tinha cumprido o seu dever, um dever histórico"*.

Inadvertidamente, no dia seguinte, o sr. de Rênal aparece no castelo para trocar o enchimento de palha de milho dos colchões. Julien, que tinha escondido na sua cama o retrato de Napoleão dentro de uma caixa, desespera-se e implora à sra. de Rênal que resgate a caixa antes que o marido a encontre, mas se comprometendo a não a abrir. Ela o faz coberta de ciúmes por imaginar que na caixa haveria a fotografia de outra mulher.

Capítulo X – Um Grande Coração e uma Pequena Fortuna

Após pequeno desentendimento com o sr. de Rênal, Julien pede uns dias de folga: *"Saiba que posso viver sem o senhor"*, disse ao prefeito que, com medo de perdê-lo para Valenod, concorda com a dispensa. No caminho para visitar seu protetor, o abade Chélan, ao ver a natureza, sonha com grandes planos: *"De pé sobre sua grande rocha, Julien olhava o céu, abrasado pelo sol de agosto. As cigarras cantavam, tudo era silêncio ao redor. Ele via a seus pés vinte léguas das redondezas. De vez em quando percebia um gavião que saía das grandes rochas acima de sua cabeça, descrevendo círculos imensos em silêncio. O olhar de Julien seguia maquinalmente a ave de rapina. Seus movimentos tranqüilos e possantes o impressionavam; invejava aquela força, invejava aquele isolamento. Havia sido esse o destino de Napoleão; seria um dia o seu?"*

Capítulo XI –Um Serão

Cada vez mais confiante, Julien decide segurar a mão da sra. de Rênal na presença do marido: *"Não seria uma forma de zombar desse homem saturado de vantagens da fortuna, tomar posse da mão de sua mulher justamente na presença dele? Sim, é o que farei, eu, para quem ele demonstrou tanto desprezo"*. E Julien segura a mão da sra. de Rênal, estando o marido a quatro passos. Vê nisso uma grande vitória (*"sim, ganhei uma batalha"*), embora sua grande paixão seja, na verdade, Napoleão. A sra. de Rênal começa a entrar em sofrimento moral: *"Nunca senti por meu marido esta loucura sombria que não me deixa afastar o pensamento de Julien"*.

Capítulo XII – Uma Viagem

Julien, prestigiado na família, pede mais três dias para visitar seu amigo Fouqué, comerciante de madeira na região. Parte deixando o sr. de Rênal desconfiado (*"o camponesinho sem dúvida recebeu propostas de alguém"*) e a sra. de Rênal doente com sua ausência. A caminho da casa do amigo, Julien descobre uma gruta nas montanhas e, instalado neste refúgio, vendo a paisagem sob o pôr do sol, deixa sua alma entrar em devaneios: *"Em meio à escuridão imensa, sua alma perdia-se na contemplação do que imaginava encontrar um dia em Paris"*.

Chega à uma hora da manhã na casa de Fouqué, que tenta atraí-lo para sócio. Julien recusa, alegando sua vocação religiosa, mas na verdade não acha que a proposta de Fouqué possa fazê-lo vencer na vida. Ele volta a Vergy, para a alegria do sr. e da sra. de Rênal.

Capítulo XIII – As Meias Rendadas

A sra. Derville percebe que sua prima está apaixonada. Embora Julien esteja se fazendo distante propositadamente, a sra. de Rênal toma a iniciativa de segurar-lhe a mão. Julien então decide torná-la sua amante, mas não sem antes impor-lhe um certo sofrimento, a título de revanche social: *"Aos olhos dessa mulher, pensou, não sou bem-nascido"*. Como parte do jogo de conquista, ele lhe comunica que vai deixar a região. A sra. de Rênal não sabe bem como agir porque *"como ela nunca lera romances, todas as nuances de sua felicidade eram novas para ela"*.

Capítulo XIV – A Tesoura Inglesa

Julien, que se crê um dom Juan executando um plano de sedução, consegue roubar um beijo da sra. de Rênal e lhe acariciar com o pé, na presença do subgovernador Charcot de Maugiron. Ela se assusta com a iniciativa e derruba nervosamente a tesoura que usava na costura.

O grupo político do prefeito cumpre a ameaça e o abade Chélan é substituído como cura de Verrières pelo abade Maslon. Julien, revoltado com esta injustiça a um digno homem de idade, reconsidera a idéia de abandonar a Igreja e ser sócio de Fouqué, mas recua. No entanto, depois, *"Julien congratulou-se pela astúcia*

em tirar partido da destituição do cura de Verrières para deixar uma porta aberta e voltar ao comércio, caso a triste prudência sobrepujasse o heroísmo em seu espírito”.

Capítulo XV – O Canto do Galo

Prosseguindo no plano de sedução, Julien intima a sra. de Rênal a recebê-lo em seu quarto às duas horas da madrugada, mas treme de medo que ela o aceite, o que ela acaba fazendo: *“O papel de sedutor pesava-lhe de modo tão deplorável que, se pudesse seguir a própria inclinação, ficaria trancado no quarto por vários dias e afastaria da vista as duas mulheres”*. Face a face com ela, prisioneiro do seu próprio jogo, Julien não consegue aproveitar romanticamente o momento: *“Será que não falhei em nada do que devo a mim mesmo? Desempenhei bem o meu papel?”*. A sra. de Rênal, por sua vez, vive dolorosa crise moral.

Capítulo XVI – O Dia Seguinte

No dia seguinte, Julien, por prudência, trata a sra. de Rênal com frieza, o que ela interpreta como tendo feito alguma coisa que o teria desencorajado a voltar a seu quarto. No entanto, Julien, dividido entre a razão e o sentimento, começa a descobrir o prazer de amá-la e acaba se apaixonando completamente. A sra. de Rênal também descobre pela primeira vez o sentimento do amor e lamenta sua impossibilidade: *“Ai de mim, dez anos a mais! Como pode me amar?”*. Julien, entre apaixonado e embriagado com a conquista, é tentado a confessar-lhe os planos ambiciosos que tinha para si.

Capítulo XVII – O Primeiro-Adjunto

Julien, pensando as dificuldades da juventude sem berço, lamenta a ausência de Napoleão: *“Ah – exclamou – como Napoleão foi mesmo o homem enviado por Deus para os jovens franceses! Quem vai substituí-lo?”*

A sra. de Rênal conta-lhe os bastidores da escolha do primeiro-adjunto de Verrières e Julien recebe uma primeira lição sobre a vida social: *“Esta educação do amor, ministrada por uma mulher extremamente ignorante, foi uma felicidade. Julien pôde ver diretamente a sociedade tal como ela é hoje em dia. Seu espírito deixou de ser ofuscado pela narrativa do que ela fora outrora, há dois mil ou há apenas sessenta anos, no tempo de Voltaire e de Luís XV. Para sua inexprimível alegria, um véu caiu de seus olhos e ele enfim compreendeu as coisas que aconteciam em Verrières”*.

Capítulo XVIII – Um Rei em Verrières

É anunciado que o Rei[2] viria visitar Verrières. A cidade entra em polvorosa. Julien descobre que a sra. de Rênal havia manobrado junto ao subgovernador de Maugiron para fazer dele um dos guardas de honra do rei durante a visita e lhe encomendara em Besançon um uniforme de gala. O prefeito, por sua vez, convence o novo cura a aceitar o abade Chélan no cortejo, pelo fato de este último ser amigo do sr. de la Mole, importante figura parisiense que estaria na comitiva do rei.

A presença de Julien no cortejo surpreende toda a cidade, que não o via com as credenciais sociais para tal honraria. Julien desfila a cavalo radiante, imaginado-se um oficial de Napoleão. Após o desfile, Julien volta correndo para casa e veste suas roupas eclesiásticas para acompanhar a ceremônia de veneração das relíquias de São Clemente, parte da visita do rei a Verrières. Na abadia Bray-le-Haut, todos esperam o Bispo de Agde, que estaria se paramentando para mostrar as relíquias ao rei. Devido a circunstâncias fortuitas, Julien acaba no aposento em que o bispo se preparava e fica encantado com as maneiras elegantes e juventude do prelado: *“Julien ficou estupefato. Viu a cruz no peito dele quando o rapaz se voltou: era o bispo de Agde. “Tão novo”, pensou Julien, ‘quando muito seis ou oito anos a mais do que eu!”* A percepção das possibilidades de poder e a grandiosidade da cerimônia religiosa reavivam a ambição eclesiástica de Julien.

---

[2] Nota do resumidor – Não fica claro no texto se se trata de Luís XVIII ou Carlos X.

Capítulo XIX – Pensar Faz Sofrer

Há indignação na cidade contra a sra. de Rênal pela afronta de ter posto um criado em pé de igualdade com os filhos dos notáveis locais. Enquanto isso, o filho mais novo da sra. de Rênal, Stanislas Xavier, cai gravemente doente e ela atribui a doença a um castigo divino por sua infidelidade. *"Sou eu quem está matando o meu filho. Dei-lhe a vida e agora a tomo de volta. O céu está me punindo, aos olhos de Deus sou culpada de assassínio"*. Num momento de crise, ela quase confessa tudo ao marido, mas Julien a dissuade, propondo-lhe retirar-se para a Abadia de Bray-le-Haut, apesar de estar totalmente apaixonado. Elisa, a magoada pretendente de Julien, que havia percebido o romance, revela-o ao sr. Valenod. Este envia ao sr. de Rênal em Vergy, maliciosamente, uma carta anônima: *"Na mesma noite, o sr. de Rênal recebeu da cidade, junto com o jornal, uma longa carta anônima que lhe contava nos mínimos detalhes o que estava acontecendo na sua casa. Julien o viu empalidecer ao ler a carta, escrita num papel azulado, e lançar olhares enfurecidos para ele"*.

Capítulo XX – As Cartas Anônimas

Julien comunica suas suspeitas à amante, que urde um plano para desacreditar a carta: para diminuir a tensão na casa, Julien voltaria para Verrières e freqüentaria os liberais, fazendo o sr. de Rênal desconfiar que acabaria sendo contratado como preceptor dos filhos de Valenod e, não podendo suportar tal perspectiva, o chamaria de volta. Antes, a sra. de Rênal, que "não saberia" da carta mandada ao marido, também "receberia" uma e a mostraria ao marido. O texto da carta, escrito pela própria sra. de Rênal e composto por letras recortadas por Julien, trazia as seguintes palavras e tinha por único objetivo fazer o marido acreditar que ela vinha de um despeitado Valenod:

> *"Senhora,*
>
> *Todas as suas pequenas manobras são conhecidas, mas as pessoas que têm interesse em reprimi-las já foram avisadas. Pelo que me resta da amizade pela senhora, proponho-lhe que se afaste totalmente do camponesinho. Se for sensata e fizer isso, seu marido pensará que o aviso que recebeu é mentiroso, e deixaremos que acredite. Lembre-se de que conheço o seu segredo; trema, infeliz; de agora em diante, vai ser preciso andar direito comigo".*

Capítulo XXI – Diálogo com um Mestre

O sr. de Rênal está dilacerado pela dúvida. Cogita em matar a mulher, espancar e expulsar Julien, mas teme o escândalo. Pensa na sua derrocada moral, se o assunto ficar público. mas quando o sr. de Rênal recebe de sua mulher a "carta anônima", "recebida" por ela e feita por Julien, suas suspeitas se voltam para Valenod e seus objetivos. A sra. de Rênal, fazendo-se de indignada, exige que o marido demita Julien, dizendo-se ultrajada e lhe conta das várias cartas amorosas enviadas por Valenod. O marido se enfurece, pede as cartas, ela recusa, ele arromba a escrivaninha da mulher e as lê. O plano funciona. O sr. de Rênal fica paralisado pelo ódio a Valenod.

Ao saber do acontecido, mais tarde, Julien dirá: *"Perversidade de mulher... Que prazer, que instinto as levam a nos enganar"*. Conforme o plano, Julien deixa Vergy para passar quinze dias de férias em Verrières, freqüentando o território do "inimigo". Antes de partir, a sra. de Rênal lhe entrega uma bolsa com ouro e alguns diamantes e pede que Julien a esconda, para o caso de ela vir a perder tudo.

Capítulo XXII – Maneiras de Agir em 1830

Em Verrières, como esperado, Julien, percebido em desgraça, recebe a visita do subgovernador Maugiron, que lhe oferece 800 francos anuais para ser preceptor na casa *"de um funcionário que tinha filhos a educar"*. Cinicamente, Julien envia carta ao sr. de Rênal, que lhe pagava 600 francos, pedindo conselhos. Do mesmo

modo, Julien confidencia o recebimento da proposta ao sr. Valenod, que o convida para um almoço com outros liberais e onde encanta a todos com sua capacidade de recitar o Novo Testamento todo em latim.

Ao se retirar, Julien exprime seu desprezo por aquelas pessoas vulgares e reforça sua afinidade pelas maneiras aristocráticas dos de Rênal: *"Que gente, pensava Julien. Ainda que me dessem a metade de tudo o que roubam, não iria querer viver com eles. Um belo dia, eu me trairia; não conseguiria disfarçar a expressão de desdém que me inspiram"*.

Capítulo XXIII – Dissabores de um Funcionário

O cantor italiano Geronimo, portador de uma mensagem do adido da embaixada da França em Nápoles, primo do prefeito, visita a família de Rênal e a distrai à noite contando casos divertidíssimos e cantando trechos de óperas. A sra. de Rênal sonha com a vida conjugal que teria com Julien, caso fosse viúva. A cidade toda, já no entanto, comenta o caso entre os dois.

O abade Chélan, que fica sabendo do caso por Elisa no confessionário, exige que Julien parta para o seminário em Besançon. Julien concorda.

Uma segunda carta anônima enfurece o sr. de Rênal a ponto de propor duelo a Valenod, no que é dissuadido pela mulher, que também o convence a pagar o valor do contrato a Julien, apesar da interrupção, favor que Julien aceita a título de empréstimo apenas.

Três dias após sua partida para Besançon, Julien retorna secretamente e encontra a sra. de Rênal no seu quarto. Ela se surpreende, mas o trata friamente, persuadida de que era uma despedida para sempre. *"É a última vez que o vejo"*.

Capítulo XXIV – Uma Capital

Chegando a Besançon, Julien exclama ao ver a fortaleza: *"Quanta diferença para mim, se chegasse a esta nobre cidade para ser sub-tenente num dos regimentos encarregados de defendê-la"*. Dá uma volta na cidade, entra num café popular onde se joga bilhar e flerta com a atendente, Amanda Binet. Provocado por um dos amantes da moça, Julien parte para lhe propor duelo, no que é impedido por Amanda, que o conduz para fora do café e lhe entrega um bilhete com seu endereço. Depois de se livrar de suas roupas burguesas, que entrega cuidadosamente à guarda do Hotel dos Embaixadores, Julien adentra o seminário trêmulo.

Capítulo XXV – O Seminário

Julien é conduzido ao gabinete do diretor, o abade Pirard, que havia recebido uma carta de recomendação do abade Chélan: *"Envio-lhe Julien Sorel, desta paróquia, que batizei vai fazer vinte anos. Filho de um carpinteiro rico mas que não lhe dá nada. Julien será um notável lavrador na vinha do Senhor. A memória e a inteligência não lhe faltam, sabe refletir. Será duradoura sua vocação? Será sincera?"*.

O clima opressor do seminário e o olhar fixo do diretor fazem com que Julien desmaie. Recuperado, conversa três horas em latim com o diretor que se impressiona com seus conhecimentos de teologia. O abade Pirard, jansenista[3] como o abade Chélan, aconselha Julien: *"Mantenha guarda contra esta fraqueza: demasiada sensibilidade perante as graças vãs da aparência"*. Conduzido aos seus aposentos, que dão para o campo, Julien está deprimido pela atmosfera sombria do seminário.

Capítulo XXVI – O Mundo ou o que Falta ao Rico

---

[3] Nota do resumidor – Jansenismo é um movimento de recuperação da austeridade na Igreja Católica, inspirado por Cornelius Jansen, teólogo holandês. Baseado em Santo Agostinho, o jansenismo foi combatido ferozmente na França pelos jesuítas, onde a doutrina se estabeleceu a partir do convento de Port Royal. Pascal é o jansenista mais conhecido.

Julien escolhe o abade Pirard para confessor, o que é visto como uma temeridade pelos colegas, que teriam preferido o sr. Castanède, vice-diretor do seminário e chefe da disciplina: *"O padre Castanède é inimigo de Pirard que é suspeito de jansenismo..."*.

O diretor intercepta as cartas de amor enviadas de Dijon pela sra. de Rênal a Julien. Seu amigo Fouqué o visita e lhe conta que a sra. de Rênal havia mergulhado na religião. Fica também sabendo que ela vem rezar freqüentemente em Besançon.

Julien percebe que não compartilha os modos grosseiros de seus colegas de seminário, principalmente interessados nas refeições. *"A felicidade, para estes seminaristas, como para os heróis dos romances de Voltaire, consiste sobretudo em almoçar bem"*. Em função da sua dedicação, é rejeitado, embora se esforce por fazer relações públicas com os colegas.

Um dia é encontrado pela "polícia" do padre Castanède, entre seus pertences, o bilhete que Amanda Binet lhe havia entregue no primeiro dia. Após pequena investigação, Julien é inocentado e seu prestígio junto ao abade Pirard sobe.

Capítulo XXVII – Primeira Experiência da Vida

As relações de Julien com seus colegas são cada vez piores, motivadas pelo contraste entre a nítida superioridade intelectual de Sorel e o primarismo da maioria deles. A capacidade superior de expressão de Julien é vista como um crime. Seus colegas resume numa só palavra todo o horror que ele lhes inspira: *"apelidaram-no MARTINHO LUTERO; sobretudo, diziam, por causa desta lógica infernal de que se orgulha tanto"*.

Capítulo XXVIII – Uma Procissão

Convocado pelo padre Chas-Bernard, chefe do cerimonial da catedral de Besançon e simpatizante do seminarista, a auxiliar na decoração da catedral para a festa de *Corpus Christi*, Julien sai-se muito bem e obtém reconhecimento pela sua coragem em arriscar a vida subindo em lugares inacessíveis e perigosos.

No dia da procissão, numa parte deserta do edifício, enquanto o cortejo ganhava as ruas, Julien percebe na semi-escuridão da igreja duas mulheres rezando perto de um confessionário. Quando ele finalmente as decide abordar, uma delas dá um grito e desmaia: era a sra. de Rênal, cuja cabeça pendida a sra. Derville apóia. Esta o reconhece e diz: *"Vá embora, senhor, vá embora! – Sobretudo que ela não o reveja. Sua presença deve causar-lhe horror, ela era tão feliz antes de conhecê-lo!..."*.

Capítulo XXIX – A Primeira Promoção

O abade Pirard, que a esta altura aprecia sinceramente Julien, concede-lhe, por merecimento, a função de explicador do Velho e do Novo Testamento e Julien começa a ter prestígio com certos colegas. Nos exames, no entanto, Julien cai na armadilha do vigário-geral de Frilair, inimigo do abade, que o induz a falar muito de Horácio e Virgílio, autores profanos. Julien recebe uma injusta nota baixa.

Surpreendentemente, no entanto, dias depois, Julien recebe uma carta de Paris com certa soma em dinheiro e a recomendação de continuar seus brilhantes estudos. A remessa havia sido feita pelo marquês de la Mole, que teria sido informado do caso pelo abade Pirard, que prestava serviços diplomáticos para o marquês na região de Besançon, sobretudo numa disputa judicial envolvendo o vigário-geral Frilair. Por gratidão, o dignatário parisiense lhe havia oferecido uma paróquia tranqüila na região de Paris. Pirard redige sua carta de demissão e pede que Julien a entregue pessoalmente ao bispo. Sabendo da partida do abade, um homem pobre, Julien lhe oferece seus 600 francos.

No bispado de Besançon, Julien impressiona muito bem o bispo e recebe deste, como presente, as obras de Tácito. O abade Pirard assume magnífica paróquia nos arredores de Paris.

Capítulo XXX – Um Ambicioso

Convidado para secretário particular do sr. de la Mole, o abade Pirard recusa e indica Julien para o cargo: *"Deixei no fundo do seminário um pobre rapaz que, se não me engano, será rudemente perseguido por lá... O senhor poderia fazer dele seu secretário, ele tem energia, tem cabeça"*. Julien aceita mas, antes de partir para Paris, parte para Verrières para rever a sra. de Rênal e o abade Chélan. Este, peocupadíssimo, o intima a não se despedir de mais ninguém em Verrières.

Julien, no entanto, fingindo partir, volta à noite e sobe audaciosamente com uma escada até a janela do quarto da sra. de Rênal. Inicialmente ela o recebe com repulsa mas depois, sucumbindo à paixão, se entrega e o convence a passar o dia todo escondido no seu quarto para poderem ter mais uma noite juntos. A escada é escondida e eles jantam juntos no dia seguinte. Durante o jantar, o sr. de Rênal aparece inadvertidamente, entra no quarto, mas não vê Julien que se escondera. Durante a noite, o marido interrompe o casal de novo: a escada usada por Julien havia sido descoberta e temia-se a presença de um ladrão na casa. Na confusão, Julien pula a janela e empreende fuga, acompanhado pelos cachorros que não o atacam. Sobre sua cabeça, zunem as balas disparadas pelos empregados.

Livro II

Capítulo I – Os Prazeres do Campo

Durante a viagem para Paris, Julien escuta na mala-posta[4] a conversa entre dois passageiros, Falcoz e Saint Giraud, este último voltando para Paris após tentativa frustrada de se instalar no campo: *"Monfleury esta à venda, perco cinqüenta mil francos, se necessário, mas estou bem alegre, deixo este inferno de hipocrisias e encrencas. Vou buscar a solidão e a paz campestre no único lugar onde existem na França, num quarto andar, dando para o Champs-Elysées"*. Enquanto Falcoz argumentava que no tempo de Napoleão as coisas não seriam assim, Saint Giraud retrucava acusando Bonaparte de ter tentado restabelecer as velhas hierarquias sociais.

Assim que chega à capital, Julien vai visitar Malmaison[5], apesar da hora inconveniente.

Capítulo II – Entrada na Sociedade

Julien visita a mansão de la Mole e admira encantado: *"Como é possível ser infeliz, quando se mora em aposentos tão esplêndidos"*. Encontra brevemente o sr. de la Mole. O abade Pirard o encaminha para um alfaiate. No seu primeiro jantar com a família, Julien impressiona a todos ao duelar intelectualmente com um convidado, membro da Academia: *"Os modos desajeitados deste jovem padre talvez escondam um homem instruído – disse à marquesa o acadêmico que se encontrava perto dela"*.

Julien procura no cemitério Père-Lachaise o túmulo do marechal Ney, que visita com lágrimas nos olhos.

Capítulo III – Os Primeiros Passos

Julien faz o primeiro contato com os filhos do casal de la Mole: Mathilde e Norbert, que o convida a cavalgar. Julien cai no ridículo ao cair do cavalo logo na primeira saída com Norbert. No dia seguinte, tenta corajosamente de novo e consegue cavalgar sem incidentes. *"Vinte vezes Norbert viu Julien a ponto de cair;*

[4] Nota do resumidor – "Mala-posta" é uma carruagem do serviço postal que também leva passageiros.
[5] Nota do resumidor – Malmaison era a residência de Napoleão Bonaparte.

mas, enfim, o passeio terminou sem acidente. Na volta, o jovem conde disse à sua irmã: apresento-lhe um sujeito audaz e temerário".

Capítulo IV – A Mansão de la Mole

As reuniões sociais nos salões dos de la Mole atraem a aristocracia parisiense que parece a Julien fútil e tediosa. *"A srta. de la Mole era o centro de um pequeno grupo que se formava quase todas as noites atrás da imensa poltrona da marquesa. Aí encontravam-se o marquês de Croisenois, o conde de Caylus, o visconde de Luz e dois ou três outros jovens oficiais, amigos de Norbert ou de sua irmã"*. Julien não consegue participar ou entender o grupo: *"Era como uma língua estrangeira que ele compreendesse sem poder falar"*.

Capítulo V – A Sensibilidade e uma Grande Dama Devota

Julien capta a confiança do marquês, que cada vez lhe confia trabalhos mais e mais espinhosos, como vistoriar suas terras na Bretanha e na Normandia. O abade Pirard, preocupado com sua formação, o *"levara a várias sociedades de jansenistas. Julien surpreendeu-se; a idéia de religião estava invencivelmente ligada, no seu espírito, a de hipocrisia e de esperança de ganhar dinheiro. Ele mesmo admirou esses homens piedosos e severos que não se preocupavam com o orçamento. Um mundo novo abria-se diante dele. Conheceu entre os jansenistas um conde Altamira, que tinha cerca de seis pés de altura, liberal condenado à morte no seu país, e devoto. Esse estranho contraste, a devoção e o amor à liberdade, causou-lhe impressão"*. Apesar de estar progredindo, Julien se sente isolado e sofre com a solidão.

Capítulo VI – Maneira de Pronunciar

Certo dia Julien ofende-se pelo olhar e as injúrias de um desconhecido num café e o desafia para um duelo. No dia seguinte, ao procurar o desafeto no endereço indicado, descobre que quem o havia ofendido era o cocheiro do dono da casa, um diplomata chamado sr. de Beauvoisis. Julien, furioso por descobrir a baixa extração social do seu ofensor, agride o cocheiro e o diplomata, tomando as dores do empregado, aceita duelar com Julien, que é ferido com um tiro no braço. Ao descobrir a condição social de Julien e para não parecer ter duelado com um empregado doméstico, o sr. de Beauvoisis começa a espalhar o boato de que Julien é filho natural do marquês de la Mole. Este último não acha a idéia de todo má.

Capítulo VII – Uma Crise de Gota

O marquês envia Julien à Inglaterra com a missão de freqüentar a embaixada da França durante dois meses. Sem entender bem a tarefa, Julien julga ter lá ido para ser iniciado *"na alta presunção"*, sobretudo pelo convívio com príncipes russos no estrangeiro: *"O senhor não compreendeu o século - dizia-lhe o príncipe Korasoff -, faça sempre o contrário do que esperam que faça"*. Julien vai também visitar na prisão o filósofo Philip Vane. Ao sair da visita, Julien conclui: *"Eis o único homem alegre que conheci na Inglaterra"*.

Na sua volta, o sr. de la Mole lhe confere uma condecoração por serviços diplomáticos, como forma de melhorar as credenciais sociais de Julien.

O sr. Valenod, empossado prefeito de Verrières no lugar do sr. de Rênal, apresenta-se ao sr. de la Mole. Julien aproveita para reivindicar o cargo de diretor do asilo de Verrières para o seu pai.

Capítulo VIII – Qual a Condecoração Mais Honrosa?

Convocado contra sua vontade para uma grande festa na residência do sr. de Retz, Julien passeia pelo salão e ouve comentários sobre a beleza das mulheres presentes, entre as quais Mathilde sobressai. Conversando com Julien, para inveja de todos os pretendentes, Mathilde pensa, a propósito do conde de Altamira, presente, que a pena de morte é a única grandeza que não se compra. Raciocina: *"Um título de barão, de visconde, isso se*

compra; uma condecoração, isso se dá; meu irmão acaba de ganhar uma, e o que fez?" Esperançosa enfim de conhecer alguém fora do comum, Mathilde pede ao marquês de Croisenois que convide Altamira para conversar. Enquanto o escuta, medita: *"Quem entre eles (os jovens presentes) poderia fazer-se condenar à morte, mesmo supondo todas as condições favoráveis?"* e lembra-se do aborrecimento que a espera se se casasse com o tedioso marquês de Croisenois, um dos seus pretendentes com mais chances.

Capítulo IX – O Baile

Durante o baile, Mathilde cura o tédio das conversas mundanas prestando atenção na conversa sobre Danton que Julien trava com o Conde de Altamira. Os dois homens a desconsideram, apesar de ela tentar se insinuar na conversa. Altamira julga os salões de Paris desprovidos de espírito e dominados pela vaidade. Falam sobre dilemas morais. Altamira diz ter sido condenado à morte por não ter mandado cortar três cabeças nem distribuído os milhões de um cofre de que tinha a chave. Julien replica dizendo: *"Na época ... o senhor não conhecia as regras do jogo; hoje em dia..."* Altamira insiste que Julien só o entenderia depois que tivesse matado um homem num duelo. Julien responde: *"Ora, quem quer o fim quer os meios; se eu não fosse uma criatura insignificante e tivesse algum poder, mandaria enforcar três homens para salvar a vida de quatro"*. Mathilde fica chocada e se afasta com o seu irmão. Julien diz ao conde: *"Que belo baile! Não falta nada"*. *"Falta o pensamento"*, responde Altamira.

Ao chegar em casa, trazido na carruagem do conde, Julien, que na antevéspera havia assistido à tragédia de Casimir Delavigne, "Marino Faliero", medita sobre o sentido da aristocracia: *"Uma conspiração aniquila todos os títulos conferidos pelos caprichos da sociedade"*. Julien passa a noite lendo sobre a Revolução.

No dia seguinte, Mathilde encontra Julien concentrado nos seus estudos na biblioteca. Tenta chamar a atenção, mas nota que o perturba. Julien percebe que a rainha do baile no dia anterior agora tinha um olhar *"quase suplicante"*. Mathilde pede que Julien lhe conte os segredos que teria ouvido do conde na noite anterior. Sentindo-se subestimado, Julien expõe enfaticamente suas convicções revolucionárias e divaga sobre o uso da violência nas revoluções. Ela deixa a biblioteca um pouco atordoada.

Capítulo X – A Rainha Margarida

Julien compara o comportamento afetado de Mathilde com as atitudes sinceras da sra. de Rênal: *"Que diferença daquela que perdi"*.

Quando Julien vê Mathilde de luto, é-lhe explicado pelo acadêmico que se trata de homenagem a um ancestral de la Mole, Boniface de la Mole, *"o mais belo rapaz do século"* e amante da Rainha Margarida de Navarra[6]. *"O que mais nos impressionou nesta catástrofe política foi que a Rainha Margarida de Navarra, escondida numa casa da praça de Grève, ousou pedir ao carrasco a cabeça de seu amante. E na noite seguinte, à meia-noite, ela levou aquela cabeça em sua carruagem e foi enterrá-la, ela mesma, numa capela situada ao pé da colina de Montmartre"*. Julien também fica sabendo que Mathilde, por esta razão, chama-se, na verdade, Mathilde-Marguerite.

Julien e Mathilde começam a se aproximar: *"Pouco a pouco, suas conversas com a moça de porte tão imponente e, ao mesmo tempo, tão desenvolto, foram se tornando mais interessantes. Esquecia seu triste papel de plebeu revoltado"*. Julien começa a se interessar por Mathilde: *"O fato é que é linda! ... Vou possuí-la, depois vou-me embora e ai de quem me perturbar em minha fuga! Esta idéia tornou-se a única preocupação de Julien; não conseguia pensar em mais nada. Seus dias passavam como horas"*.

Capítulo XI – O Império de uma Mocinha

[6] Nota do resumidor - Boniface havia sido decapitado em 1574, por ocasião de uma rebelião.

Mathilde ironiza constantemente seus pretendentes insípidos. *"Qual deles teria a idéia de fazer alguma coisa extraordinária?"* Por causa do tédio que eles lhe inspiram, Mathilde tem interesse crescente na companhia de Julien e decide que o ama: *"Não adianta, nunca vou conseguir amar Croisenois, Caylus e tutti quanti. São perfeitos, perfeitos demais, talvez; enfim, aborrecem-me"*.

Capítulo XII – Será um Danton?

Mathilde especula sobre a viabilidade de se casar com um homem pobre. A propósito de uma conversa sobre Julien, seu irmão a adverte que, em caso de revolução, ele os guilhotinaria a todos. Mathilde compara a energia de Julien à mesmice dos seus pretendentes que, ao perceber em Julien um competidor, o desvalorizam perante Mathilde, criticando *"o seu jeito de padre: humilde e hipócrita"*. Ela os repele e confunde com sarcasmos: *"Se amanhã algum cavalheiro das montanhas admitir que Julien é seu filho natural e lhe der um nome e alguns milhares de francos, em seis semanas terá bigodes como os senhores; em seis meses será oficial dos hussardos como os senhores"*. Ela não sabe se Julien a ama, mas decide amá-lo: *"Todos os dias, felicitava-se pela decisão que tomara de entregar-se a uma grande paixão"*.

Capítulo XIII – Uma Conspiração

Embora Julien desconfie que o interesse de Mathilde possa ser falso, ele percebe que ela compartilha com ele alguns traços de hipocrisia: ambos lêem Voltaire escondido e evitam criticar publicamente o trono. Ele a vê desconfiadamente, como uma "maquiavel", um modelo da decadência parisiense.

O sr. de la Mole incumbe Julien de visitar propriedades no Languedoc. Mathilde o encontra e lhe pede que não viaje. Naquela noite, Julien recebe uma carta de amor de Mathilde. Julien exulta de satisfação, mas também desconfia de um plano para caçoar publicamente dele e, por precaução, no dia seguinte, envia a carta, disfarçada dentro de uma Bíblia, a seu amigo Fouqué.

Julien responde a carta de Mathilde com muita prudência e vai à ópera: *"Julien, ébrio de felicidade e sensação de poder, tão nova para um pobre-diabo, entrava na ópera italiana. Ouviu cantar seu amigo Geronimo. Nunca a música o exaltara a tal ponto. Ele era um deus"*.

Capítulo XIV - Pensamentos de uma Moça

Mathilde compara os homens do seu tempo aos do século XVI: *"Ela abominava a falta de caráter, era a sua única objeção contra os belos rapazes que a cercavam"..."Era na corte de Henrique III que a gente encontrava homens grandes tanto no caráter quanto na ascendência"*. Mathilde dá-se conta de sua audácia ao escrever a Julien e do poder que ele agora tem sobre ela: *"Existem coisas que não se escrevem"*.

O casal troca cartas e na terceira, Mathilde diz a Julien que suba à noite no seu quarto. *"Preciso falar-lhe: é preciso que lhe fale esta noite; no momento em que soar uma hora após a meia-noite, esteja no jardim. Pegue a grande escada do jardineiro perto do poço, coloque-a contra a minha janela e suba até o meu quarto. É noite de luar: não importa"*.

Capítulo XV – Será uma Conspiração?

Julien desconfia de uma armadilha, de que será flagrado escalando a casa pelos amigos parisienses de Mathilde, podendo ser morto ou ridicularizado publicamente: *"Está claro, querem arruinar-me ou, pelo menos, zombar de mim. Primeiro, quiseram me pegar com minhas cartas; elas se mostraram prudentes: pois bem! Precisam de uma ação mais clara que o dia. Esses belos rapazinhos estão me achando ou muito tolo ou muito fátuo! Com o mais belo luar do mundo, subir assim por uma escada até um primeiro andar de vinte e cinco pés de altura! Terão tempo de me ver, mesmo das casas vizinhas. Que lindo, eu na minha escada"*. Temendo estas hipóteses, esconde as novas cartas de Mathilde e escreve a Fouqué pedindo-lhe que torne pública a carta de

Mathilde em caso de ele vir a sofrer acidente. No jantar da noite combinada, Julien verifica a escada ao lado da casa e lembra-se da semelhança com o episódio da sra. de Rênal.

Capítulo XVI – Uma Hora da Manhã

A uma hora da manhã, Julien, com duas pistolas no bolso, escala até o quarto de Mathilde. *"Julien estava muito embaraçado, não sabia como comportar-se, não sentia amor algum. No seu embaraço, achou que precisava ousar, tentou beijar Mathilde"*. No início, ela recusa seus avanços, insistindo em que ele reponha a escada no chão por meio de uma corda. Quando ela lhe pede as suas cartas, Julien lhe conta as precauções que havia tomado.

Julien está mais contente por ter dobrado uma moça de nascimento nobre do que pela expectativa amorosa. Mathilde começa a se dar conta da loucura que havia feito de se pôr nas mãos de Julien. Mais por obrigação do que por amor, Mathilde torna-se sua amante. Ela está em dúvida sobre se o ama.

Capítulo XVII – Uma Velha Espada

Nos dias seguintes, ela o trata com total frieza e Julien se pergunta sobre o significado de tal comportamento. Na verdade, Mathilde está com sua vaidade destruída: ela se pôs sob o poder de um homem. Julien é o primeiro amor de sua vida. Na medida em que Julien se vê envolvido com ela, começa a amá-la apaixonadamente, mas as conversas entre os dois evoluem para a raiva e para o despeito. Numa conversa dura na biblioteca, Mathilde diz a Julien: *"Estou horrorizada por ter me entregado ao primeiro que apareceu – disse Mathilde, chorando de raiva contra si mesma. Julien exclama: 'O primeiro que apareceu!!!' "* e lança-se sobre uma velha espada presa à parede, mas recua: *"Teria sido o mais feliz dos homens se pudesse matá-la"*. Com a reação emocional de Julien, as lágrimas de Mathilde secam automaticamente. Julien está confuso, mas Mathilde não está.

Capítulo XVIII – Momentos Cruéis

Mathilde conclui: *"Ele é digno de ser meu senhor, já que esteve a ponto de me matar. Quantos belos rapazinhos da sociedade seria necessário fundir para se chegar a tal movimento de paixão? É preciso confessar que ele estava bem bonito no momento em que subiu na cadeira para repor a espada exatamente na posição pitoresca escolhida pelo decorador! Afinal de contas, não fui tão louca em amá-lo"*.

Dias depois, Mathilde caminha com Julien pelo jardim fazendo-lhe confidências provocadoras sobre suas antigas veleidades de amor. Julien fica enciumado e, como nunca havia lido romances, declara ingenuamente seu amor a Matilde: *"E a senhorita não me ama mais, eu que a adoro!"*. Ela imediatamente se decepciona e o repele. *"Aquilo destruiu num piscar de olhos todo o prazer que a srta. de la Mole encontrara em falar-lhe de seus sentimentos. Estava começando a estranhar que, depois de tudo o que acontecera, ele não se ofendesse com suas histórias"*.

Julien, sem parar de pensar nela, distrai-se secretariando o marquês e meditando sobre o que teria feito de errado.

Capítulo XIX – A Ópera-Bufa

Mathilde fantasia que no caso de uma nova revolução ela poderia muito bem fazer o papel de Madame Roland. Desenhando ociosamente, ela percebe que desenhou o retrato de Julien. Na ópera, com sua mãe, Mathilde ouve uma cantilena de amor que aplica a si mesma: *"Devo punirmi, devo punirmi, se troppo amai..."*. Na medida em que estas emoções se acumulam, ela vai conhecendo o amor verdadeiro e não o amor intelectual. Julien, por sua vez, afunda-se em baixa auto-estima, pensando mesmo em suicídio.

Numa noite, cedendo à tentação, Julien escala novamente até o quarto de Mathilde, que o recebe apaixonada e se declara submissa: *“Castigue-me pelo meu orgulho atroz – dizia ela, estreitando-o em seus braços até quase sufocá-lo. Você é meu senhor, eu sou sua escrava, é preciso que eu peça perdão de joelhos por ter desejado revoltar-me!”*. Quando Julien parte ao amanhecer ela atira pela janela um maço de seus cabelos, como símbolo de submissão.

Dois dias depois, no entanto, Julien se surpreende mais uma vez com a mudança de atitude de Mathilde, que volta a desprezá-lo e conclui que ela não o julgava suficientemente excepcional para justificar todas as loucuras que fizera a seu favor.

Capítulo XX – O Vaso Japonês

Julien se sente em desgraça nos salões na medida em que Mathilde volta a dar atenção aos jovens aristocratas. Julien os evita: *“O pobre rapaz ainda tinha pouco traquejo, de maneira que foi perfeitamente desajeitado, como todos notaram, quando se levantou para deixar o salão”*. Finalmente Mathilde o procura e diz: *“Eu não o amo mais, senhor, minha imaginação insensata enganou-me”*. No momento de ruptura, Mathilde o agride de forma odiosa, embriagada da recuperação de sua independência: *“Quero curar para sempre o seu pequeno amor-próprio das idéias que foi capaz de formar a meu respeito”*.

Alguns dias depois, Julien quebra sem querer um vaso japonês em presença de Mathilde, simbolizando o que havia acontecido entre eles. Mathilde, que detestava o vaso, expressa satisfação. A paixão contrariada de Julien, no entanto, não pára de crescer no seu íntimo.

Capítulo XXI – A Nota Secreta

O marquês comunica a Julien que ele seria enviado em missão diplomática para relatar oralmente a um aliado as tratativas de uma reunião secreta ligada a uma conspiração aristocrática[7]. O marquês[8] e Julien partem para esta reunião, na qual estavam presentes, entre outros, o bispo de Agde, um antigo general de Bonaparte, o duque de *** e o senhor de Nerval, primeiro-ministro.

Capítulo XXII – A Discussão

Durante a reunião conspiratória, o marquês de la Mole pede aos seus parceiros que sacrifiquem um quinto de suas rendas para financiar uma milícia destinada a apoiar uma intervenção estrangeira, cujo objetivo seria salvar a monarquia francesa: *“Querem continuar a falar sem agir? Em cinqüenta anos só haverá na Europa presidentes de repúblicas e nenhum rei. E com estas letras, R-E-I, vão-se embora os padres e os cavalheiros”*.

Capítulo XXIII – O Clero, os Bosques, a Liberdade

Os conspiradores concluem que é necessário dinheiro britânico e um partido armado na França para restabelecer a monarquia do *Ancien Régime*. O peso do clero seria fundamental para dominar o povo. Julien acha surpreendente estar ouvindo aquelas coisas: *“Essas pessoas vão mandar-me envenenar. Como podem dizer tais coisas na frente de um plebeu?”*

É solicitado ao sr. de Nerval, primeiro ministro no cargo, pedir demissão e este expõe suas razões para continuar. Julien e o sr. de la Mole voltam para casa e redigem a ata.

No dia seguinte Julien parte para o estrangeiro com a ata da reunião memorizada. Passa a noite num albergue onde se dá conta de que alguém está tentando impedir sua progressão, já que lhe foi negada a troca dos cavalos, com a justificativa falsa de que não existiriam animais disponíveis. No albergue, reencontra Geronimo, o cantor italiano.

---

[7] Nota do resumidor – Foi uma inspiração de aristocratas ditos *ultras* que derrubou o governo da Restauração e empossou Luís-Filipe I, o duque de Orleans. Os *ultras* queriam a volta da monarquia absoluta e não da monarquia constitucional dos Bourbons.

[8] Nota do resumidor – Há quem veja no marquês a pessoa de Jules Polignac, um dos dirigentes dos *ultras*.

Os hóspedes são drogados para que durmam. Julien, que não havia tomado a bebida envenenada, percebe dois homens, um deles o abade Castanède, chefe de "polícia" da congregação, penetrarem à noite no seu quarto para procurarem o documento comprometedor. Sem ser reconhecido, Julien acaba cumprindo sua missão, recitando a ata da reunião a certo duque alemão de que recebe a ordem de voltar a Estrasburgo e ali esperar por doze dias.

Capítulo XXIV - Estrasburgo

Durante sua estada na cidade, Julien não pára de pensar em Mathilde: *"Mathilde absorvera tudo; ele a encontrava em todos os cantos do seu futuro"*. Passeando tristemente a cavalo perto de Kehl, um dos teatros das operações napoleônicas, Julien encontra o Príncipe Korasoff, que havia conhecido na na embaixada de Londres, que lhe descreve com detalhes o cerco de 1796.

"O príncipe percebe Julien triste 'O senhor mais parece um trapista – disse a Julien; está exagerando o princípio de seriedade que lhe ensinei em Londres. O ar triste nunca é de bom tom; o ar de tédio é que é necessário. Se está triste, alguma coisa lhe falta, alguma coisa que não deu certo. É mostrar-se inferior. Se está entediado, pelo contrário, aquilo que tentou sem sucesso agradar-lhe é inferior".

Julien desenvolve grande confiança e admiração por Korasoff e acaba lhe contando as razões de sua tristeza. Korasoff, especialista na arte da sedução, monta para ele um plano para conquistar Mathilde, com base na manobra de fingir interesse por outra mulher: *"A mariposa se queima na chama"*. O plano consiste em Julien ver Mathilde todos os dias e cortejar ostensivamente outra mulher, enviando-lhe, na exata seqüência, cópias de 53 cartas de amor, que o príncipe lhe entrega. Voltando a Paris, Julien, seguindo o plano de Korasoff, escolhe como alvo a ainda jovem sra. de Fervaques, viúva de um marechal.

Capítulo XXV – O Ministério da Virtude

Julien confidencia a Altamira seu "interesse" pela sra. de Fervaques. Altamira apresenta Julien a Diego Bastos, um pretendente fracassado, que lhe diz achar tratar-se de uma pessoa excessivamente rigorosa, capaz de fazer o mal: *"Se contudo, gosta de fazer o mal, é porque é infeliz, suspeito aí de uma infelicidade interior. Não seria uma beata cansada do seu ofício?"*. Julien começa a fazer a corte à sra. de Fervaques.

No jantar, Julien revê Mathilde, que não o esperava. Na ausência de Julien, ela o havia quase esquecido e finalmente tinha-se permitido a *"conclusão do acordo com o marquês de Croisenois"*. Quando vê Julien, no entanto, Mathilde perturba-se e pensa: *"Na verdade, é esse o meu marido"*. Mathilde considera que o seu pai, futuro ministro, poderia dar a Julien um bispado.

Capítulo XXVI – O Amor Moral

"Julien percebia nos modos da marechala um exemplo quase perfeito daquela calma patrícia que transpira uma cortesia exata e, sobretudo, a impossibilidade de qualquer emoção forte". Segundo o plano de Korasoff, depois de oito dias de corte, Julien envia-lhe a primeira carta copiada do lote de 53, seguindo as instruções de um bilhete deixado pelo príncipe: *"Levar essas cartas pessoalmente: a cavalo, de gravata preta e casaca azul. Entregar a carta ao porteiro com ar contrito; profunda melancolia no olhar. Se avistar alguma criada, enxugar os olhos furtivamente. Dirigir a palavra à criada"*. A marechala recebe a primerira carta favoravelmente: *"... este jovem padre tem certa distinção"*.

Capítulo XXVII – Os Melhores Cargos da Igreja

Durante quinze dias, Julien continua o jogo de enviar cartas copiadas para a marechala. *"Era preciso fazer com que aquela doce criatura, que talvez se entediasse infinitamente, contraísse o hábito de receber cartas talvez um pouco menos insípidas que sua vida cotidiana"*. Certo dia, é finalmente convidado para jantar. O tio dela, alto dignatário da Igreja da França, concessor de benefícios eclesiásticos, freqüenta seus salões.

Por meio de Tanbeau, *“homenzinho de letras”*, outro secretário do marquês, Julien fica sabendo que a sra. de Fervaques não está insensível aos seus avanços. O padre Pirard adverte Julien sobre o sucesso na mansão de Fervaques: *“Havia uma rivalidade de seita entre o austero jansenista e o salão jesuítico, restaurador e monárquico da virtuosa marechala”*.

Capítulo XXVIII – Manon Lescaut

Neste jogo de cartas-cópias, Julien comete um erro. Copia sem prestar atenção uma carta, mencionando Londres e Richmond no lugar de Paris. Aliás, as cartas de Julien nunca combinam com as que recebe da sra. de Fervaques, mesmo porque nunca as lê, jogando-as fechadas numa gaveta. Julien, cobrado por ela sobre a confusão geográfica, alega: *“Exaltado pela discussão dos mais sublimes, dos maiores interesses da alma humana, a minha pode ter se distraído enquanto lhe escrevia”*. Julien continua a executar o plano com grandes dificuldades: *“Julien tinha dias horríveis. Era para cumprir o mais penoso dos deveres que aparecia todos os dias no salão da marechala. Seus esforços para desempenhar seu papel acabavam esgotando toda a força de sua alma”*.

Capítulo XXIX – O Tédio

A sra. de Fervaques, que está começando a envolver-se, lamenta que Julien ainda não seja padre para calar a boca dos caluniadores: *“Seria tão fácil para mim fazer dele um vigário-geral em alguma diocese de Paris! Mas o senhor Sorel é simplesmente e, ainda por cima, pequeno secretário do sr. de la Mole! É desolador”*.

Certo dia, Mathilde, ao ver Julien receber cartas da sra. de Fervaques, cujos envelopes Julien havia sobrescrito, a pedido da marechala, faz uma cena de ciúmes: *“Isso é coisa que não posso admitir – exclamou Mathilde apoderando-se da carta – o senhor se esquece completamente de mim, eu que sou sua esposa. Sua conduta é horrorosa”*. Mathilde se atira a seus pés e Julien conclui: *”Aí esta essa orgulhosa, aos meus pés”*.

Capítulo XXX – Um Camarote na Ópera-Bufa

Mathilde abre nervosamente as cartas da marechala, as lê com olhos cheios de lágrimas: *“O senhor sabe que sou orgulhosa; é a desgraça de minha posição e mesmo de meu caráter, confesso; a senhora de Fervaques roubou-me o seu coração. Teria ela feito a seu favor todos os sacrifícios a que este amor fatal me levou?”*. Julien a trata com frieza, apesar da tentação de ceder à paixão que o queima.

Á noite, ele aceita o convite da marechala para acompanhá-la à ópera. No teatro, a sra. de Fervaques diz a Julien: *“O senhor viu as senhoras de la Mole – disse-lhe – estão na terceira fila. Imediatamente, Julien debruçou-se sobre a sala, apoiando-se com certa indelicadeza na frente do camarote: viu Mathilde: seus olhos estavam brilhantes de lágrimas”*. Julien estava também morrendo de amor.

Capítulo XXXI – Amedrontá-la

Julien vai ao camarote da sra. de la Mole, e encontra Mathilde aos prantos. Apesar da tentação, sai sem lhe dirigir a palavra, com medo de trair o seu amor. Julien acha que tal confissão faria desaparecer o amor de Mathilde: *“Se lhe falar, não terá mais como duvidar da minha emoção, o som da minha voz vai me trair, tudo ainda pode desmoronar”*. Está convicto de que para manter o inimigo sob controle, é preciso mantê-lo com medo: *“O inimigo só vai me obedecer na medida em que o amedrontar, então não se atreverá a me desprezar”*.

Mathilde, desesperada com a continuidade das cartas à marechala, encontra Julien na biblioteca e lhe propõe audaciosamente que ele a leve para Londres: *“Quer garantias, meu amigo? É justo. Leve-me embora, partamos para Londres... Estarei perdida para sempre, desonrada...”*. Julien fraqueja, confessa o amor e seu passado desafortunado, mas desta vez ela não o despreza.

Capítulo XXXII – O Tigre

Pela primeira vez, Mathilde conhece o amor. *"Como era preciso que o orgulho se manifestasse de algum modo, ela queria se expor com temeridade a todos os perigos que seu amor podia fazê-la correr"*. Ela logo engravida e diz a Julien: *"Agora vai duvidar de mim? Não é uma garantia? Sou sua esposa para sempre"*.

Mathilde anuncia a intenção de escrever a seu pai para lhe pôr a par da situação. Julien, assustado, consegue que ela adie os planos uma semana. No entanto, assim que o marquês recebe a carta, furioso, convoca Julien.

Capítulo XXXIII – O Inferno da Fraqueza

Na sua fúria, o marquês desacata Julien com os maiores impropérios: *"Como! Minha filha vai se chamar senhora Sorel! Como! Minha filha não será duquesa!"*. Julien propõe ao sr. de la Mole deixar-se matar por um dos homens do marquês: *"Mate-me – disse Julien – ou faça seu criado matar-me"*.

Precisando de conselhos, Julien procura o abade Pirard, com medo do resultado: *"Um velhaco jesuíta*[9] *conheceria os costumes mundanos e me seria mais útil..."*. Para sua surpresa, o abade Pirard não ficou muito impressionado pela confusão.

Mathilde, informada sobre a possibilidade da morte de Julien, diz a seu pai que se alguma coisa acontecer, ela portará luto como a viúva Sorel.

Assim que Julien volta à mansão de la Mole, Mathilde lhe ordena mudar-se para a propriedade de Villequier e deixar com ela o assunto.

Capítulo XXXIV – Um Homem de Espírito

Por causa da indefinição do marquês, um mês se passa sem que a negociação avance. Certo dia, o marquês comunica ter decidido doar a Julien e a Mathilde uma parte de suas propriedades em Languedoc, que rendem 20.600 francos anuais.

Mathilde, enquanto isso, fala sobre casamento com seu pai. O marquês enfim se vê obrigado a tomar um partido. Às vezes sonha com um futuro brilhante para Julien, mas teme aspectos que julga excessivos em Julien: *"Não tem o culto do berço de ouro, é verdade, mas não nos respeita por instinto... É um erro; mas, enfim, a alma de um seminarista só deveria ser sensível à falta de prazeres e de dinheiro. Ele, pelo contrário, não pode suportar o desprezo de maneira alguma"*.

Após longas deliberações, o marquês escreve uma carta a sua filha, oferecendo a Julien um título de tenente dos hussardos, o que faz dele o cavaleiro Julien Sorel de la Vernaye. Mathilde, muito feliz, lhe pede autorização para casar logo.

Sem responder à filha, o marquês ordena que Julien parta para o campo de Estrasburgo, onde sua guarnição estaria estacionada. Ele observa a Mathilde que ela, de fato, não conhecia realmente Julien. Julien, por sua vez, crê que teve um final feliz: *"Afinal de contas, meu romance está terminado, e o mérito é todo meu. Soube conquistar o amor desse monstro de orgulho"*.

Capítulo XXXV – Uma Tempestade

Em Estrasburgo, o novo tenente faz-se imediatamente respeitar, apesar de sua falta de formação militar e juventude. *"Mal tornara-se tenente, por favor e há dois dias, já estava calculando que para ser*

[9] Nota do resumidor – Esta passagem deixa claro o conflito entre jansenistas, como Pirard e Chélan, e jesuítas, como o vigário-geral de Fri lair.

comandante-em-chefe aos trinta anos, ao mais tardar, como todos os grandes generais, era necessário ser mais do que tenente aos vinte e três anos. Só pensava na glória e em seu filho".

Julien, no entanto, recebe surpreendente mensagem de Mathilde: *"tudo está perdido, venha o mais rápido possível"*. Assim que ele chega à mansão de la Mole, Mathilde lhe mostra uma carta do pai escrita imediatamente antes de partir para local incerto. Ele afirmava não poder jamais concordar com o casamento e transmitia à filha o conteúdo de uma carta recebida da sra. de Rênal, em resposta a uma investigação empreendida a conselho do próprio Julien. A carta denunciava com severidade a ambição de Julien, capaz de usar a arma da sedução para subir na vida.

Assim que ouve estas palavras, Julien apanha duas pistolas e pega a mala-postal para Verrières. Lá chegando no domingo de manhã vai à igreja onde a sra. de Rênal assiste a missa e lhe dá dois tiros. O primeiro perde-se; no segundo, ela cai.

Capítulo XXXVI – Detalhes Tristes

Julien é imediatamente preso. A sra. de Rênal está apenas ferida pelo segundo tiro, o que muito a aflige, porque ela desejava a morte: *"Morrer pela mão de Julien é a maior felicidade"*. Remoía-se de arrependimento pela carta que escrevera, sob pressão de seu confessor.

Ao juiz, Julien confessa integralmente: deseja a pena de morte, que acha merecida: *"Matei com premeditação – disse-lhe Julien. Comprei e mandei carregar as pistolas de fulano, o armeiro. O artigo 1342 do código penal é claro, eu mereço a morte e a estou esperando"*.

Ele escreve a Mathilde e pede-lhe que guarde silêncio sobre sua aventura, que não informe seu pai sobre a criança que vai nascer e que se case com o sr. de Croisenois.

Progressivamente, Julien renuncia à ambição e se prepara para a morte. Nenhum remorso. Quando o carcereiro lhe informa que a sra. de Rênal não havia morrido, ele finalmente se arrepende. Transferido para a masmorra da prisão em Besançon, ele tem uma vista magnífica. Pensa em se matar, mas desiste. Julien acha na prisão uma espécie de felicidade: *"Além disso, a vida me agrada; a temporada está tranqüila, não tenho do que me queixar"*.

Capítulo XXXVII – Um Torreão

Julien recebe a visita do abade Chélan, envelhecido pelas circunstâncias adversas do final da sua vida: *"Ah, santo Deus! Será possível, meu filho... Monstro! É o que eu devia dizer"*. Como efeito desta visita, Julien vê a morte em toda sua crueza e ela lhe parece menos fácil do que antes: *"Esta noite estou a dez graus abaixo da coragem necessária para enfrentar a guilhotina"*.

Fouqué também o visita e oferece desfazer-se dos seus bens para ajudar Julien a fugir. Esta visita sincera e amiga devolve a Julien a força que a visita do abade lhe havia tirado. Julien não quer ver seu pai.

Capítulo XXXVIII – Um Homem Poderoso

Disfarçada de camponesa, Mathilde vem visitá-lo. Julien lhe censura esta audácia que poria tudo a perder, caso ela fosse descoberta. Ela de fato teve de contar o seu verdadeiro nome a um secretário do juiz para poder entrar na prisão: *"Jurei-lhe ser sua mulher e terei uma permissão para vê-lo todos os dias"*. Perturbada, ela propõe a Julien que ambos se suicidem. *"Ela examinava o seu amante, que achou muito superior a tudo que imaginara. Boniface de la Mole parecia ter ressucitado, ainda mais heróico"*.

Mathilde procura pessoas influentes em Besançon para agirem em favor de Julien e acaba conseguindo uma entrevista com o abade de Frilair, ironicamente grande adversário de seu pai. Frilair ladinamente calcula que vantagens políticas pode obter da situação (*"Que partido tirar dessas estranhas confidências?"*) e garante hipocritamente a Mathilde poder induzir a maioria dos jurados a favor de Julien.

Capítulo XXXIX – A Intriga

Mathilde agora vivencia a mais louca paixão por Julien, fala dos projetos mais audaciosos e planeja impressionar o público pelos excessos de sua paixão. Escreve à sra de Fervaques, pedindo-lhe que convença o bispo de *** a escrever ao senhor de Frilair.

Julien, no entanto, está cansado de heroísmo e quer um pouco de solidão. *"A ambição está morta no seu coração; uma outra paixão ressurgira das cinzas, ele a chamava remorso de ter atirado na sra. de Rênal"*, por quem está perdidamente apaixonado. Julien propõe a Mathilde que se case com o sr. de Croisenois, com quem terá futuro, e que confie a guarda de seu filho a uma dama de leite em Verrières, sob a supervisão da sra. de Rênal: *"Permita-me dizer-lhe, em quinze anos irá ver como uma loucura desculpável, mesmo assim uma loucura, o amor que teve por mim... Parou de repente e ficou pensativo. Deparava-se novamente com esta idéia tão chocante para Mathilde: Daqui a quinze anos a senhora de Rênal vai adorar meu filho e você o terá esquecido..."*.

Capítulo XL – A Tranqüilidade

Em face do juiz e do advogado, Julien despreza os elementos de sua defesa. Ele constata que só conheceu a felicidade na vida depois que foi preso e ameaçado de execução: *"...é estranho que eu só tenha conhecido a arte de gozar a vida depois de ver seu termo se aproximar"*. Passa os dias fumando charutos holandeses que Mathilde lhe manda. Enquanto isso, Mathilde escreve anonimamente a cada um dos jurados pedindo clemência.

Capítulo XLI – O Julgamento

É aberto o processo. Mathilde traz ao abade de Frilair uma carta do bispo de ****, primeiro prelado da França, pedindo por Julien. Novamente, Frilair declara encarregar-se do júri. Quando Julien vai ao tribunal, um murmúrio de interesse preenche a sala repleta de mulheres jovens que disputam lugar para assistir aos debates: *"Meu Deus! Como é jovem! Mas é uma criança... É mais bonito do que no retrato..."*.

Durante os procedimentos, Julien fala durante vinte minutos, diz tudo o que pensa livremente e se apresenta como o caso de um camponês ambicioso que merece a pena de morte: *"Não tenho ilusões, a morte me espera: ela será justa. Fui capaz de atentar contra a vida da mulher mais digna de todo o respeito, de todas as homenagens ... Mas, ainda que fosse menos culpado, vejo homens que, sem se deterem em tudo que a minha juventude pode merecer de piedade, vão querer punir e desencorajar para sempre esta classe de jovens que, nascidos numa classe inferior e de alguma forma oprimidos pela pobreza, têm a sorte de conseguir uma boa educação e a audácia de misturar-se ao que o orgulho dos ricos chama de boa sociedade. Este é o meu crime, senhores e, na verdade, será punido ainda mais severamente por não ser julgado pelos meus pares..."*. Após longa deliberação, o júri, presidido pelo sr. Valenod, declara-o culpado e o condena à morte em três dias. Em volta de Julien, as mulheres soluçam e Mathilde, escondida atrás de uma coluna, emite um grito. A sra. de Derville, presente, também chora. Julien desconfia que Valenod, seu rival no amor da sra. de Rênal, havia se vingado.

Capítulo XLII – Sem Título

Voltando à prisão, Julien é colocado num desconfortável quarto destinado aos condenados à morte. Ele recusa as consolações da religião e toma Deus e a Bíblia como déspotas sem piedade: *"Ora, se encontrar o Deus dos cristãos, estou perdido: é um déspota, como tal repleto de idéias de vingança; sua Bíblia só fala de punições atrozes. Nunca o amei, nem mesmo quis acreditar que o amassem sinceramente"*.

Mathilde traz um advogado para instruí-lo na apelação. Julien se recusa: teme que sua coragem fraqueje ao longo de meses de espera e quer morrer logo. *"Não se conhecem as nascentes do Nilo; não foi dado aos olhos do homem ver o rei dos rios na condição de um simples riacho. Assim também nenhum olho humano verá Julien fraco, para começar porque não o é"*.

Durante toda a conversa, Julien não pára de pensar na sra. de Rênal: está convencido que a mulher que ele tentou matar é a única que chorará sinceramente a sua morte: *"Via a sra. de Rênal chorando... Seguia o trajeto de cada lágrima naquele rosto encantador"*.

Capítulo XLIII – Sem Título

Uma hora depois ele é acordado pelas lágrimas – da sra. de Rênal. Ela lhe suplica que assine o apelo e desta vez ele concorda. Fazem-se confidências sobre o passado: *"Sou uma mulher que perdeu a honra; é verdade que foi por você..."*. Julien se dá conta dos sacrifícios feitos por ela para vir vê-lo na prisão. Conversam amorosamente.

Enquanto isso, na porta da prisão, um padre fanático cercado de populares está postado de joelhos na lama esperando obter a última confissão de Julien. Contrariado por esta situação que atraía a multidão, Julien deixa o padre entrar e se livra dele ao pedir-lhe que reze uma missa em sua intenção.

Capítulo XLIV – Sem Título

Nova visita de Mathilde. Ela diz a Julien que se o recurso não for feito, a morte dele teria o valor de um suicídio. Julien quer se livrar dela e ficar sozinho. O mesmo acontece quando Fouqué o visita. Aparece o pai, que Julien recebe com muito desagrado, e que o entope de acusações. Julien contorna a situação, falando ao pai de suas economias.

Finalmente sozinho e enfraquecido pelo encarceramento, Julien faz considerações metafísicas e aspira a uma religião verdadeira e boa. No final, conclui que a única coisa que lhe faz verdadeira falta é a presença da sra. de Rênal. *"Ai de mim! A senhora de Rênal está ausente; talvez seu marido não a deixe mais voltar a Besançon para não continuar a desonrá-lo"*.

Capítulo XLV – Sem Título

Contrariamente às instruções de seu marido, a sra. de Rênal vem a Besançon para ficar perto de Julien. Ela o vê duas vezes por dia.

Julien fica sabendo da morte, em um duelo, do sr. de Croisenois, que havia tomado conhecimento da verdadeira situação de Mathilde e havia desafiado um detrator. Esta morte muda os planos que Julien fizera para Mathilde e agora ele espera poder convencê-la a se casar com o sr. de Luz, mas deprimida pela descoberta de que Julien ama outra, Mathilde vive sua própria crise.

No meio desta vida calma com a sra. de Rênal, Julien é ainda vítima de uma intriga de seu confessor, que lhe exige uma conversão contundente para impressionar as moças de Besançon: *"as lágrimas que a sua conversão fará derramar anularão o efeito corrosivo de dez edições das obras ímpias de Voltaire"*. Julien recusa-se.

A sra. de Rênal quer ir a Saint-Cloud pedir clemência ao Rei Carlos X. Julien a proíbe. Ele se prepara para seu fim, pedindo a Fouqué que os seus restos sejam enterrados na pequena gruta nas montanhas com vista para Verrières: *"Várias vezes, como já lhe contei, retirado à noite nessa gruta, e com o olhar mergulhado ao longe sobre as mais ricas províncias da França, a ambição inflama meu coração: era então a minha paixão... Enfim essa gruta me é cara e não pode deixar de convir que é situada de maneira a causar inveja à alma de um filósofo!!!"*

Após a execução, Mathilde vem buscar os despojos, apanha a cabeça de Julien e beija sua testa. No cortejo fúnebre, sem que ninguém saiba, ela carrega a cabeça de Julien sobre os joelhos. A cerimônia envolve vinte padres e uma multidão de curiosos vindos das imediações. *"Todos os moradores dos vilarejos das montanhas atravessadas pelo cortejo tinham-no seguido, atraídos pela singularidade da estranha cerimônia"*. Mais tarde, com a ajuda de Fouqué, Mathilde enterra pessoalmente a cabeça de Julien e manda cobrir de mármore italiano a gruta funerária.

A Sra. de Rênal morre três dias depois do enterro de Julien.

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos transcritos são da 1ª. edição de "O Vermelho e o Negro" da editora Cosac & Naify, tradução de Raquel Prado).